

LEITORES DE ESCOLA PÚBLICA: INVESTIGANDO HISTÓRIAS DE LEITORES NA ESCOLA WILSON MASCARENHAS

Ellane da Costa Lima¹; Maria Helena da Rocha Benoski² ;

¹Bolsista PROBIC, graduando em Licenciatura em História , Universidade Estadual de Feira de Santana; e-mail ellane.lima@hotmail.com

²Orientadora, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana; e-mail maria.benosik@gmail.com

PALAVRAS- CHAVES: leitura, escola, leitor.

INTRODUÇÃO:

As diversas histórias ouvidas ou lidas na infância vão se constituindo em pequenos acervos que interagindo com a nossa vivência, vão contribuindo significativamente para nossa formação como leitores. Não se trata de entendermos “a moral da história”, mas de despertar o desejo de saber mais, a curiosidade em descobrir novos livros, novas histórias e adquirir diferentes conhecimentos. Os livros nos permitem “viajar” para aquele mundo que os nossos olhos vão desvendando por meio da leitura, possibilitando descobrir não apenas diferentes saberes como também sabores que surgem ao folharmos as páginas dos materiais de leitura. Uns “têm gosto” de aventura, romances, enquanto outros o mistério e terror nos fazem sentir medo e aflição.

Manguel (1997) conta que quando criança sua babá lia para ele os aterrorizantes contos de fada dos irmãos Grimm, e ele tinha a sensação de ser levado pelas palavras e sentir, que de fato estava viajando por algum lugar maravilhosamente longínquo. Às vezes pedia, aliás insistia, para que a babá lesse mais rápido para descobrir mais depressa o que aconteceria na história, tamanha era a sua ansiedade.

Os motivos que levam uma pessoa a ler podem ser diversos, entre eles está o gosto e a atração pelos livros. As histórias de leituras são individuais, mas os percursos seguidos por alguns leitores às vezes têm semelhanças, como as preferências literárias, os incentivos ao ato de ler, que são iniciativas dos pais, da escola na figura do professor ou de outras pessoas. Como afirma Lajolo: “permanecem no leitor, incorporadas como vivência, marcas da história de leitura de cada um”. (2001, p. 45)

Na busca de conhecermos as histórias de leitura e leitores, foi que realizamos as atividades do Plano de Trabalho: LEITORES DA ESCOLA PÚBLICA: INVESTIGANDO HISTÓRIAS DE LEITORES NA ESCOLA WILSON MASCARENHAS, tendo como meta saber a contribuição da escola na formação dos alunos como sujeitos leitores e, além disso, conhecer as concepções de leitura dos discentes da 4ª série, suas relações com os materiais escritos e seus perfis como leitores. Este Plano de Trabalho surgiu de um recorte temático do Projeto de Pesquisa: LEITORES DE ESCOLA PÚBLICA: UM ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, desenvolvido pelos pesquisadores do Núcleo de Leitura Multimeios da Universidade Estadual de Feira de Santana. As ações desse núcleo visam fortalecer a linha de pesquisa em literatura, formação do leitor e leitura na comunidade acadêmica como também contribuir junto às escolas públicas de Feira de Santana na formação de leitores proficientes.

Como base teórica, fundamentamos nossa pesquisa nos estudos realizados por Abreu (1997), Chartier (1994, 2003, 2001), Manguel (1997), Freire (1989), Lajolo (1996, 2000, 2001) e outros pesquisadores que têm desenvolvidos trabalhos no campo da Leitura e História da Leitura no intuito de examinar as relações estabelecidas pelos homens com os livros e a leitura ao longo do tempo e em diferentes condições sócio-cultural, como também analisando as formas de aprendizagem e disseminação da leitura na escola.

MATERIAL E MÉTODO

A metodologia utilizada foi a de Estudo de Caso e se baseou nos trabalhos realizados por Lüdke & André (1986) e Trivinos (1987), pois o estudo desta natureza enfatiza a interpretação em contexto, considerando as características da escola, o meio social em que está inserida, os recursos materiais e humanos, entre outros aspectos. Segundo estes autores, a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e da atitude.

Os instrumentos para a coleta de dados foram: observação de sala de aula e entrevista semi-estrutura com os alunos. Entrevistamos seis alunos entre dez a doze anos de idade. Tanto as entrevistas quanto os Círculos de Leitura proporcionaram diálogos bastante significativos que permitiram conhecermos um pouco mais sobre suas histórias de leitura. Os Círculos de Leitura se constituíram em momentos de leituras em voz alta de obras infanto-juvenis, interação entre leitores e obras, trocas de conhecimentos e incentivo a prática de leitura, como também possibilitou a complementação dos dados coletados.

Conforme tínhamos combinado com a turma, a cada encontro sorteávamos o nome de um dos alunos que queriam levar a pasta com o texto para lê-lo em casa e no próximo encontro quem fora sorteado iniciava o Círculo de Leitura lendo ou contando a história para os colegas. A forma de apresentação do texto ficava a critério dele, o intuito era deixá-lo a vontade para participar da atividade. Estes momentos tornaram-se instantes de diversão, descontração e superações de dificuldades, pois mesmo alguns discentes sendo tímidos ou tendo dificuldades em relação à leitura, como por exemplo, lendo soletrando e algumas vezes não conseguindo decodificar algumas palavras, eles se disponibilizaram a apresentarem o texto sorteado.

A turma colaborava bastante nestes momentos, fazendo silêncio, prestando atenção na leitura e se envolvia com a história. Certo dia, um dos alunos fez a leitura do conto *História pra boi não dormir*, de Evelyn Heine, e os discentes adoraram a história devido a sua característica humorística e divertiram-se tentando descobrir o que aconteceria com o personagem. Lemos várias obras infanto-juvenis nesta classe, entre os livros estão: *O amigo rei*, de Ruth Rocha, *História de fantasma*, de Tatiane Belinky, *A menina Bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, *A bruxa Salomé* de Audrey Wood, entre outros. Com as leituras dos livros de histórias infanto-juvenis e as discussões estabelecidas, surgiam histórias de leitura dos alunos e a relação delas com suas experiências de vida.

Os olhos fixos nas ilustrações do livro, o silêncio que pairava na sala naqueles instantes que realizava a leitura ou a “quebra do silêncio” por um dos alunos tentando adivinhar o que iria acontecer com a personagem da obra, demonstrava que estavam se envolvendo com a atividade.

O comportamento dos discentes em relação à leitura das obras foi mudando ao longo dos Círculos de Leitura. Inicialmente mostravam-se passivos ao que acontecia nas histórias ouvidas. Quanto mais líamos para eles literatura infanto-juvenil, eles demonstravam que queriam ouvir mais histórias, pediam para que lêssemos mais um livro, sendo que cada encontro líamos uma ou duas obras. O tempo que tínhamos disponível não era possível prolongar muito, pois a docente da turma tinha que cumprir também as suas tarefas. Ao ouvirem as literaturas infantis, às vezes, parecia que eles queriam entrar na história e mudá-la ou até mesmo tornarem-se um personagem.

Os Círculos de Leitura foram se concretizando no decorrer da aplicação do plano de trabalho, e ao longo das visitas a escola, os alunos foram criando expectativas em relação aos próximos encontros. Sentíamos sua euforia quando chegávamos à escola numa clara demonstração de que estavam gostando das atividades que realizávamos. Por alguns momentos imaginamos se sua alegria era por causa do exercício que iríamos realizar ou

porque iriam ficar “livres” por algum tempo da aula que estava sendo ministrada. Mas, com o envolvimento dos alunos, a participação nas discussões estabelecidas após a leitura do texto, os livros que eles levavam de casa para que visemos ou até lêssemos para a turma, acabaram nos convencendo que realmente as atividades que vínhamos desenvolvendo estavam despertando neles o gosto pela leitura.

RESULTADOS

Na sociedade contemporânea, a leitura é uma prática que tem sido aprendida, cada vez mais no ambiente escolar, lugar onde se ensina a codificação e decodificação dos signos, como também é um ambiente propício ao incentivo à leitura que ultrapasse esta ação de decodificar símbolos. Analisando os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN), notamos que a função da escola no ensino da leitura pode ser entendida como um processo que tem início na alfabetização, mas não tem fim, continua nas demais séries e que pode refletir por toda a vida dos alunos.

A formação do leitor não acontece somente na escola, são vários os fatores que podem influenciar na introdução da criança no universo da leitura, embora a sociedade tenha atribuído à escola a função de formar leitores. Historicamente, a família constitui-se uma instituição de extrema importância na educação dos alunos, como também no seu desenvolvimento como leitores, pois é, no recinto familiar, que as crianças têm seus primeiros contatos com um ambiente socializador.

Nas entrevistas, que realizamos com os alunos da Escola Wilson Mascarenhas, buscamos aprofundar o nosso conhecimento sobre as histórias de leitura dos alunos da 4ª série, no intuito de sabermos como se desenvolveu e quem os auxiliou no processo de aprendizagem da leitura, e em que local esse evento aconteceu. Constatamos, por meio das entrevistas, que a escola não foi a única responsável pelo incentivo à leitura desses estudantes, mas que os familiares como também as professoras de atividade extra-classe contribuíram na formação desses discentes como leitores.

Durante os Círculos de Leitura, observamos que vários discentes apresentam dificuldades em relação à escrita como também à leitura, e nas entrevistas eles afirmavam que realmente sentem dificuldade tanto na compreensão dos textos, quanto na hora que vão realizar as tarefas escolares. Alguns falaram que não conseguiam decodificar as palavras. Vários desses alunos não têm o domínio da leitura, leem soletrando. Apesar das dificuldades em relação à leitura, quando questionados se gostavam de ler, suas respostas foram afirmativas, alguns diziam que praticavam a leitura simplesmente pelo prazer de ler enquanto outros atribuíam essa prática a responsabilidade que eles tinham de realizar as atividades da escola.

Vários discentes não se consideravam como leitores, pois segundo sua concepção eles os classificam como indivíduos que leem muito, que sabem ler, que têm característica que eles ainda não possuíam em relação à leitura. Um dos alunos afirmou que, para ele, um leitor é quem escreve bons livros, incentiva a pessoa a ler. Perguntei a este mesmo aluno quem o incentiva a ler, ele afirmou que o escritor Ziraldo o incentivava por meio de seus livros. Os perfis de leitores que encontramos entre estes discentes, foram de adolescentes e crianças que ainda não dominavam a leitura nem a escrita, alguns buscavam superar as suas dificuldades em relação à leitura, enquanto outros afirmavam que gostavam de ler e observando o seu comportamento em relação ao ato de ler, percebemos que eles realmente adoravam ouvir histórias, mas têm dificuldade em ler o texto escrito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O envolvimento e contribuição da família são fundamentais na inclusão dos alunos no universo da leitura. O ambiente em que as crianças e adolescentes habitam podem influenciar

na sua construção como sujeito social, sendo a escola e os ciclos familiares locais em que estes se fazem mais presentes, a junção da escola e família seria primordial na formação dos estudantes como leitores. As experiências de leituras, sejam realizadas na escola ou em casa, podem se constituir em uma relação mais íntima e prazerosa com os materiais de leitura, criando nos sujeitos leitores elos afetivos e cognitivos que podem refletir em todas as fases de sua vida, até mesmo quando esta pessoa não estiver mais no ambiente escolar.

Ao longo desse exercício de pesquisa, constatei que a escola é um espaço essencial para que os alunos tenham acesso e incentivo à leitura, mas é necessário que ampliem as suas perspectivas de leitura como uma atividade que proporciona prazer, aquisição de conhecimento e entretenimento, a fim de não praticá-la somente para cumprir as tarefas escolares. Os professores, no desempenho de suas atribuições, podem ser intermediários entre livros e leitores, visto que eles trabalham estreitamente com a leitura e a escrita no cotidiano da sala de aula.

REFERÊNCIAS:

- ABREU, Márcia. Cultura letrada: literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006. Autêntica, 1997
- CHARTIER, Roger (org.). Prática de Leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Unesp, 1999.
- CHARTIER, Roger. A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII. Editora Universidade de Brasília, Brasília, 1994.
- CHARTIER, Roger. Formas e sentido. Cultura escrita: Entre distinção e apropriação. Mercado das Letras, São Paulo, 2003.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores associados: Cortez, 1989.
- LAJOLO & ZILBERMAN. A formação da leitura no Brasil. Editora Ática. São Paulo, 1996.
- LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 2000
- LAJOLO, Marisa. Literatura: leitores & leitura. São Paulo: Moderna, 2001.
- LÜDKE e ANDRÉ. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo; EPU, 1986.
- MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. Companhia das Letras, São Paulo, 1997.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura & Realidade brasileira. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.
- TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo. São Paulo: Atlas, 1987